

# A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ PEREIRA DA SILVA, DE CAMPOS BELOS, GO.

Sandra Michele Tzotzakís Munhoz<sup>1</sup>  
[sandramiche22@gmail.com](mailto:sandramiche22@gmail.com)  
Francisco Cetrulo Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** A função social da escola ainda é uma questão que exige reflexão e atualização. Com este trabalho pretende-se analisar como é representada a função social da escola em um contexto de pandemia. Para isso, tem-se como objeto de pesquisa modo como a Escola Municipal José Pereira da Silva, em Campos Belos se organizou durante e pandemia e como enfrentou desafios desse período. A hipótese desta pesquisa é que não obstante a escola ter uma função social ambígua, mas importante, a pandemia realçou ainda mais a importância da escola, especialmente desta escola que atende alunos de grupos subalternizados. São os objetivos desta pesquisa: compreender como uma escola periférica pode exercer sua função social em tempos de pandemia; Específicos: estabelecer o quadro teórico acerca do papel social da escola e relacionar com os desafios no período da pandemia; verificar como uma escola de Campos Belos, a Escola Municipal José Pereira da Silva, atuou no período da pandemia visando cumprir sua função social. Metodologicamente esta pesquisa é qualitativa com foco na análise documental. Além disso se baseia em pensadores como (LIBÂNEO, 1994), (SAVIANI, 2009) (FREIRE, 1996), (COELHO, 2012) entre outros. Conclui-se com esta pesquisa mesmo diante das contradições impostas pela pandemia, a escola ainda é fundamental para o desenvolvimento das pessoas, pelo menos para existir e agir em uma sociedade como a nossa, na qual os ditames do capital ainda imperam de maneira extremamente forte e secundarizam ainda mais as populações mais vulneráveis.

**Palavras-chave:** Função social da Escola. Pandemia. Escolas periféricas.

## 1. INTRODUÇÃO

Não é novidade que as discussões sobre os rumos de qualquer nação sejam vinculadas à educação. Isso acaba acarretando discussões sobre qual a função da escola, como essas instituições

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Pedagogia e Educação Tecnológica (EPT), Instituto Federal de Goiás, Campus Campos Belos (GO).

<sup>2</sup> Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano Campus Campos Belos. Orientador

podem colaborar na formação das pessoas. Quando se trata de escolas que se encontram em contexto de risco, essa questão sempre acaba por render debates, pois, aparentemente, escolas periféricas aparecem como sendo a única instituição capaz de produzir as condições necessárias para a elevação do nível de vida dos estudantes.

Neste sentido, considerando o contexto atual, o objetivo desta pesquisa é analisar como a escola M J P S tem cumprido sua função social no período da pandemia de covid 19. Essa escola é situada em bairro no qual muitas famílias se encontram em situação de risco. Isso nos orienta diretamente para uma questão que é central: qual o papel dessa instituição, diante do cenário de vulnerabilidade social que muitos de seus alunos se encontram? As condições mudaram diante da situação pandêmica? Como a escola atuou frente a essa nova situação em que o alunado ficou impossibilitado de frequentar o ambiente escolar?

Essas questões nos levam a tentar entender esse contexto, uma vez que, não obstante as discussões sobre a função social da escola, que vai, por exemplo, de uma escola reprodutivista (GADOTI, 2013), alinhada aos interesses do capital passando por uma escola que possibilite ascensão social por meio do domínio dos conteúdos (SAVIANI, 2009), até chegarmos na tese de uma escola transformadora que vise também uma transformação social (FREIRE, 1996). Diante desse cenário complexo sobre a escola, como o pensar sobre qual seria a função social a ser cumprida pelas escolas periféricas?.

A hipótese desta pesquisa é que não obstante a escola ter uma função social ambígua, mas importante, a pandemia realçou ainda mais a importância da escola, especialmente de escola que atende alunos de grupos subalternizados. Para compreender se essa hipótese é correta, nossos objetivos são: Geral: Compreender como uma escola periférica pode exercer sua função social em tempos de pandemia? Específicos: estabelecer o quadro teórico acerca do papel social da escola e relacionar com os desafios no período da pandemia; verificar como uma escola de Campos Belos, a Escola Municipal José Pereira da Silva, atuou no período da pandemia visando cumprir sua função social.

Este estudo será desenvolvido de acordo com a metodologia científica da pesquisa qualitativa, a qual nos permite uma investigação que leve em conta as expectativas, particularidades, as singularidades e os posicionamentos dos sujeitos envolvidos nos processos escolares. Nesse sentido

Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde o pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa. No desenvolvimento da pesquisa, os dados colhidos em diversas etapas são constantemente analisados e avaliados. Os aspectos particulares novos descobertos no processo de análise são investigados para orientar uma ação que modifique as condições e as circunstâncias indesejadas. (CHIZZOTTI, 2010, p. 89)

Dessa forma esse método de pesquisa não permite uma definição exata do estudo de caso pesquisado, consiste em uma investigação onde os dados poderão ser alterados de acordo com o surgimento de novas questões. Deste modo essa pesquisa buscará compreender os diversos fenômenos que a temática apresenta. Outro aspecto levantado por Chizzotti (2010, p. 104) nos diz que: “A pesquisa qualitativa objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los”.

Desse modo esse método de pesquisa pretende valorizar os diferentes pontos de vista dos sujeitos da comunidade escolar sobre a função social da escola. Compreender quais e como a comunidade observa essa função é fundamental para colocarmos em paralelo com as questões teóricas.

Para realizar este estudo, portanto, será utilizada a análise documental, que considerará tanto o Projeto Político Pedagógico e o Relatório da Gestão do biênio 2019/2020. Ao utilizar desses instrumentos, pressupõe-se o desencadeamento da análise de dados a qual proporcionará uma interpretação crítica e reflexiva acerca dos discursos dos documentos da escola, tendo como base as diversas perspectivas sobre a função social da instituição.

Neste período pandêmico, não obstante as tentativas de não privar o direito à educação aos alunos, não se pode ocultar que, em escolas que atendem grupos subalternizados, grupos em situação de risco, os alunos não perdem apenas os conteúdos ou a convivência. Em certos casos os alunos perdem um refúgio da violência e dos maus tratos. Em Campos Belos, bolsão de pobreza do estado de Goiás, perdem, em muitos casos, a possibilidade de se alimentar de forma suficiente devido à ausência da merenda escolar.

No caso de escolas periféricas, mais até do que em outras instituições, sua função social vai além da aplicação do conteúdo ou cumprimento do currículo. Essas escolas cumprem papel de orientadoras, exercem cuidados específicos. Nesse sentido, esta pesquisa pretende investigar quais

os efeitos da pandemia em relação à função social da Escola José Pereira da Silva, na cidade de Campos Belos. Essa escola é situada no setor Morada Nova e atende alunos dos setores adjacentes.

A Escola José Pereira da Silva tem histórico de atendimento de alunos em situação de risco e com o fechamento das escolas, em função da pandemia, muitos alunos foram prejudicados tanto o desenvolvimento das habilidades e mais ainda com outras funções que essa escola exerce na comunidade.

Diante disso, compreender o papel das escolas que atendem grupos subalternizados durante a pandemia é tentar mostrar como, mesmo diante das contradições, a escola ainda é fundamental para o desenvolvimento das pessoas, pelo menos para existir e agir em uma sociedade como a nossa, na qual os ditames do capital ainda imperam de maneira extremamente forte e secundarizam ainda mais as populações mais vulneráveis.

## **2. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA**

Ainda hoje, muito se discute sobre a chamada função social da escola. Muitas são as perspectivas e as possibilidades a partir das quais é possível se pensar essa questão. O quadro teórico sobre essa discussão está situado em autores das mais diferentes matrizes. Desde as mais revolucionárias, passando por críticas ao caráter reprodutor da escola, ou ainda aqueles que entendem que a escola é neutra.

Mas a história da escola, da sua função, do seu sentido, remonta ainda mais longe no tempo. Como argumenta Coêlho (2012) o sentido originário da escola se circunscreve fundamentalmente a uma formação do humano, a escola acontece para potencializar as formar educativas. Além disso, a escola teria se organizado para a liberdade, para a possibilidade criativa, para livre ação. Essa condição coloca a escola como uma instituição que seria capaz pensar além das coisas úteis, também o inútil, o desnecessário.

As primeiras escolas foram comunidades de vida, que se reuniram para cultivar o cuidado pela necessidade do desnecessário, o cuidado pela liberdade criativa. Criativa foi essa liberdade por toda antiguidade grega, arcaica e clássica. Para difundir e desfrutar de sua criação, o helenismo criou a escola como instituição (COÊLHO, 2012, p. 52).

Do apogeu da educação grega, passando pela pedagogia cristã até os nossos dias, a educação, ou melhor o sentido da educação dado a escola, foi se alterando, se adaptando em relação ao seu sentido originário. De uma instituição para se criar, para a liberdade, para necessidade a inutilidade, a escola passa a ser uma instituição utilitária.

Passando a se tornar utilitária, em um mundo no qual o contexto é outro, no qual as mais diferentes formas de agir no mundo se organizam, especialmente após a ascensão do capitalismo e das formas industriais, a escola passa a atender outros interesses, outras demandas. Foi preciso começar a pensar em avaliação, em objetivos, em formas de gestão, em toda uma forma de organização da escola para os fins aos quais a sociedade caminhava e caminha. A própria noção de um saber racionalizado, dividido em partes passa a fazer parte desse panorama. Mas, tudo isso faz parte do modo como a humanidade se constituiu, produziu novas formas de cultura.

Na medida em que formas mais contemporâneas da sociedade aliadas às mídias de massa vão influenciando na interpretação do que é a escola e a educação

Ao converter a educação, o saber, as letras, as artes, a filosofia e as ciências, em realidades dadas; a escola em organização, a sociedade e a mídia negam a dimensão questionadora e criadora das instituições e obras de cultura, formadoras de outro homem, que não se entrega ao servilismo, não se deixa escravizar pelos bens materiais, dinheiro, poder, mercado e consumo. Fragiliza as possibilidades de criar as novas formas de relação com a natureza e entre os seres humanos, fundadas no primado do que é público, do que é de todos (COELHO, 2012, p. 63).

Essas e outras inúmeras discussões sobre o sentido da escola, sobre o que aqui está se chamando de função social de escola, fazem parte do inúmero repertório sobre a história da educação, filosofia da educação e ainda compõem o acervo das mais conhecidas obras sobre a formação de professores no Brasil. Especialmente na pedagogia, há ampla discussão sobre o modo como a escola não pode ser pensada dissociada das relações sociais, das contradições que determinam as formas de organização da vida em sociedade. A escola, portando, deve ser entendida como uma instituição que reflete o espírito de um tempo ou mesmo os objetivos de um determinado governo. Considerando esses aspectos, a função social da escola está atrelada às condições sociais, econômicas, políticas, éticas, estéticas e outros.

Outros autores também discutem as concepções pedagógicas, como é o caso de Luckesi (2008), ao investigar as formas de avaliação assim como Libâneo (1994) que traça um paralelo

entre o ideário da escola e como ela exerce funções diferentes a depender do modo que a sociedade se organiza.

*Via de regra* essas obras demarcam dois grandes blocos sobre as formas de pensar e organizar a escola e, portanto, qual seria o seu papel nesse contexto. Pode-se, então, depreender que as concepções pedagógicas podem ser divididas em dois grupos:

- Pedagogias liberais: Tradicional; Nova; tecnicista
- Pedagogias progressistas: Libertadora; Histórico-crítica; Crítica social dos conteúdos

Nessa perspectiva, como destaca Libâneo (1994) em cada um desses eixos muitas pedagogias foram organizadas, muitas formas de olhar a escola. Ainda nos dias atuais, uma das instituições que pouco muda é a instituição escolar, pois, por mais que se tente mudar, ainda se trata de uma estrutura tradicional, com condições hierárquicas que suprimem a criatividade e com processos burocráticos que engessam certos processos. Além disso, é preciso destacar o caráter autoritário e tecnicista, uma vez que há uma tendência a mensurar e avaliar sempre a partir de um parâmetro ideal.

Na tendência tradicional, a pedagogia se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual (LIBÂNEO, 1994, p. 2-3).

Essas estruturas não foram totalmente alteradas com a emergência de pedagogia como a da escola nova. Ao contrário, como destaca Saviani (2009) a escola nova nunca foi nova e muito menos democrática. “Não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado. Essas experiências ficaram restritas a pequenos grupos, e nesse sentido elas constituíram-se, em geral em privilégios para os já privilegiados, legitimando as diferenças” (SAVIANI, 2009, p. 44-45).

A função social da escola, portanto, se estabelecia para a adaptação e coordenação dos alunos as estruturas sociais já definidas. Libâneo (1994, p.) destaca o seguinte sobre a função da escola:

A finalidade da escola é adequar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se organizar de forma a retratar, o quanto possível, a vida. Todo

ser dispõe dentro de si mesmo de mecanismos de adaptação progressiva ao meio e de uma conseqüente integração dessas formas de adaptação no comportamento. Tal integração se dá por meio de experiências que devem satisfazer, ao mesmo tempo, os interesses do aluno e as exigências sociais.

Denunciando essas estruturas opressoras, e adaptativas, que se pretendem neutras, muitas outras tendências foram se desenvolvendo.

O reconhecimento histórico do que vem ser a escola no Brasil precisa ser considerado. Como argumenta Paulo Freire (1996) a educação brasileira, desde muito cedo, se caracterizou como uma educação bancária, uma educação mecanizada, que não tinha como perspectiva o desenvolvimento da cidadania para todas as pessoas. Era uma educação voltada às elites, com a finalidade de possibilitar a eles a manutenção das formas de opressão.

A educação, portanto, como diz Paulo Freire (1996), não se desenvolveu no Brasil, no contexto de sua análise, para o fortalecimento da democracia. Isso quando acontecia era pela força e muitas vezes pela violência daqueles grupos que se encontravam esmagados pelas condições todas da existência.

Ainda como diz Paulo Freire (1996), ao contrário do que apressadamente se pode ver nos dias atuais, não há nada de assistencialismo ou de romantismo. Para ele, a educação não deve tirar a responsabilidade das pessoas, não deve ser assistencialista. Ao contrário, a escola deve ser o lugar onde se eleve a pessoas a atingir a responsabilidade necessária para a sua vida e para a vida em sociedade.

Paulo Freire mostra que a escola não é outra coisa senão o espelho da sociedade, pois, tem se constituído, historicamente, com base em preceitos arcaicos, ou melhor, com base em uma estrutura segregadora e conservadora, que pouco tem a ver com uma mudança real da sociedade. Trata-se, como diz esse autor, de uma educação e de uma escola cuja premissa não é outra coisa senão a consumação da secundarização e opressão das classes oprimidas (FREIRE, 1997; 1987). Isso caracteriza uma espécie de sociedade fechada, que produz uma educação que não se aproxima do povo.

Elites distanciadas do povo. Superpostas à sua realidade. Povo “imerso” no processo, inexistente enquanto capaz de decidir e a quem correspondia a tarefa de quase não ter tarefa. De estar sempre sob. De seguir. De ser comandado pelos apetites da “elite”, que estava sobre ele. Nenhuma vinculação dialogal entre estas elites e estas massas, para quem ter tarefa corresponderia somente seguir e obedecer (FREIRE, 1996, p. 46).

São essas estruturas sociais que definem o papel e a função social da escola, uma escola para as elites? De certa maneira, Freire reconhece um dos maiores problemas da sociedade brasileira, na qual para se conseguir certos avanços, a população mais carente, mais simples precisa de um esforço hercúleo para conseguir alcançar certos graus de formação e nível social. De uma maneira ou de outra, as pedagogias liberais podem ser resumidas dessa maneira.

Mas, Freire ainda entende que é preciso tentar mudar a realidade da escola. Para isso, seria preciso uma mudança que atravessasse tanto a sociedade quanto a escola. Nesse sentido, assevera Libâneo (1994, p. 9) sobre a pedagogia libertadora de Paulo Freire:

Não é próprio da pedagogia libertadora falar em ensino escolar, já que sua marca é a atuação "não-formal". Entretanto, professores e educadores engajados no ensino escolar vêm adotando pressupostos dessa pedagogia. Assim, quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade onde professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social. Tanto a educação tradicional, denominada "bancária" - que visa apenas depositar informações sobre o aluno -, quanto a educação renovada - que pretenderia uma libertação psicológica individual - são domesticadoras, pois em nada contribuem para desvelar a realidade social de opressão. A educação libertadora, ao contrário, questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação - daí ser uma educação crítica.

A crítica de Paulo Freire faz coro, de certa maneira, com uma tradição que tem em nomes como Pierre Bourdieu e Luis Althusser nomes que não viram na escola senão outra coisa que um lugar de produção e reprodução das condições de opressão.

Althusser, por exemplo, no celebre texto *Aparelhos ideológicos de Estado*, para manter as formas de opressão são utilizados basicamente dois tipos de aparelho: a) os de repressão, caracterizados em síntese pelas forças policiais e b) pelos aparelhos ideológicos de estado, tais como a religião, a igreja, a política, a informação, a cultural e, notadamente, a escola. Como argumenta o autor esses aparelhos todos, sem exceção, “[...] concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas” (ALTHUSSER, 62-63).

Nesse contexto, a escola serviria exclusivamente para reproduzir as condições para a que a classes trabalhadora continuasse se ajustando às diretrizes e à dinâmica de uma sociedade dividida em classes. Mais do que isso, se trata de uma escola que reproduz o status quo. Nesse sentido, como

argumenta o autor, para os dominantes, a escola é forjada para ensinar a liderar, a comandar e por que não dizer, oprimir, enquanto que para os filhos dos trabalhadores comuns, escola seria um ambiente em que se ensinaria os saberes práticos ou saberes apartados das funções de organização da sociedade. “Por outras palavras, a escola (mas também outras instituições de Estado como a igreja ou outros aparelhos como o exército) ensinam *saberes práticos*, mas em moldes que asseguram *a sujeição à ideologia dominante* ou o manejo da *prática* desta” (ALTHUSSER, s.d, p. 22, grifos do autor).

A análise de Althusser, não obstante as distinções, também se assemelha as duras críticas produzidas por Bourdieu, para quem a escola não faz outra coisa que reproduzir as condições já existentes. Bourdieu vai mais longe ainda, assevera que a escola exerce um poder, uma violência simbólica que não permite outra coisa senão essa manutenção das condições estruturais.

Essas formas de violência vão legitimando o status quo, de tal modo que, como argumenta Saviani (2009, p, 17):

Vê-se que o reforço da violência material se dá pela sua conversão ao plano simbólico em que produz e reproduz o conhecimento e de sua legitimidade pelo desconhecimento (dissimulação) de seu caráter de violência explícita. Assim, à violência material (dominação econômica) exercida pelo grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominados corresponde a violência simbólica.

Essa visão, de certa maneira pessimista da educação e da escola não é unanimidade. Aliás, nem mesmo Freire era integralmente seu adepto. Para melhor esclarecer não só essa posição, mas outras, autores brasileiros tentaram esboçar um caminho para a compreensão do papel da escola nos tempos em que nos situamos.

Não obstante certas diferenças, tanto Saviani (2009) quanto Libâneo (1994) acrescentam à argumentação freireana uma possibilidade de pensar nas estruturas escolares como sendo aquelas capazes de fazer as pessoas alçarem voos mais altos. Se por um lado, Freire é um pensador da educação não só escolar, mas como cultura, os pensadores da educação histórico-crítica entendem que a escola, mesmo que não mude, pode exercer uma função mais sistemática na promoção do pensamento crítico. O meio para isso é justamente o reconhecimento de que na escola os conteúdos devem ser pensados em contexto, criticamente, mas, não dá para deixar de lado os conteúdos produzidos pela humanidade.

Essa tendência pedagógica argumenta que é necessário que os estudantes tomem posse dos conteúdos desenvolvidos pela humanidade e que o meio para isso é o desenvolvimento dos currículos escolares de maneira crítica e articulada as condições reais de existência.

A tarefa da pedagogia histórico-crítica consiste na tentativa de reverter esse quadro a partir da compreensão de nossa realidade histórico-social, a fim de tornar possível o papel mediador da educação no processo de transformação social. Não que a educação possa por si só produzir a democratização da sociedade, mas a mudança se faz de forma mediatizada, ou seja, por meio da transformação das consciências (ARANHA, 2006, p. 276).

Comentando o contexto atual da educação e política brasileira, Saviani (2021) destaca que, não é possível pensar em outra forma da classe trabalhadora tomar consciência da sua situação sem ser por meio da escola. É por meio do acesso ao conhecimento do modo como a sociedade se tornou o que é, que o mínimo de mudança pode ser possível. Sendo assim, mesmo considerando que a escola é constantemente atacada pelos interesses neoliberais. “A educação escolar é o meio mais adequado para a apropriação, pelos trabalhadores, das conquistas históricas da humanidade que lhes aguçarão a consciência da necessidade de intervir praticamente para dar continuidade ao processo histórico conduzindo-o a um novo patamar” (SAVIANI, 2021, p. 35).

Mais recentemente, especialmente a partir dos desdobramentos mais sistemáticos do neoliberalismo e o conseqüente ataque a educação, outras discussões sobre escola têm emergido em contexto e premissas diferentes. Uma das mais provocadoras é educação da chamada ralé, que, deve-se lembrar que esse nome é popularizado por Jessé Souza justamente para mostrar como a pequena burguesia encara e olha para os pobres. Em termos educacionais o que está em jogo é uma concepção que pobres e grupos que foram marginalizados historicamente é que são considerados culpados por não terem ascendido socialmente.

No texto *Educação da Ralé* Lorena (2009) vai mostrar que os ideólogos da educação burguesa ao mesmo tempo vão articulando essa lógica da culpabilização com a falsa ideia de meritocracia, uma ideia a partir da qual os indivíduos podem alcançar o que quiserem caso trabalhem, se esforcem. Como falar de mérito em uma sociedade como a nossa? O fato é que as pessoas pobres se relacionam com a escola, ou melhor, com os saberes produzidos na escola, de maneira muito diferente das pessoas de classe mais abastada (LORENA, 2009). Não é possível aprender determinados conteúdos sem desenvolvimento cognitivo e afetivo anteriores, sem que certas habilidades cognitivas e afetivas tenham sido desenvolvidas no seio familiar e nos contextos

em que as crianças estão crescendo é impossível se aprender determinadas coisas em termos de conteúdo e de abstração. Sem certos estímulos, a criança terá um longo caminho pela frente.

Em escolas periféricas como a que analisarei na qual existem crianças em situações de vulnerabilidade, tais como: a violência doméstica, muitas vezes vinculada ao uso de drogas e álcool; um número significativo de crianças que não se alimentam com o básico ou que passam fome e, por fim, muitas dessas têm crianças têm no contexto familiar poucas, ou nenhuma pessoa alfabetizada que possa lhe acompanhar nas atividades escolares. Nessas condições como analisar os alunos a partir do mérito?

Pois bem, diante disso, como é possível uma criança chegar à escola para desenvolver determinadas formas de cognição e de experiências padronizadas, que requerem um certo número de condições e habilidades anteriores? Qual a função social dessa escola nesse contexto?

Lorena (2009) argumenta em direção à uma postura muito sofisticada que coloca em cheque tanto professores quanto alunos. E o mais intrigante, é que, no discurso de muitos professores, o que está em jogo é sempre o aluno: que não tem interesse, que não quer ou que está se fazendo de vítima. Trata-se de contexto no qual os alunos, que já vivem em situação catastrófica, são transformados em culpados também no interior da escola. “A consequência da não percepção da ralé como classe é a culpabilização individual de seus membros pelo fracasso de uma classe inteira” (LORENA, 2009, p. 299).

Nesse contexto, observa-se claramente a influência de Bourdieu (2007) na argumentação da autora. Em um texto, que discute o modo como escola conservadora se estrutura, aponta para o mesmo aspecto, isto é, a escola por ela mesma já é estruturada para um grupo de pessoas que já desenvolveu determinadas habilidades e competências.

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhes possam dar. Eles herdam também saberes (e um *savoir-faire*), gosto e um “bom gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. A cultura livre, condição implícita do êxito em certas carreiras escolares, é muito desigualmente repartida entre os estudantes universitários oriundos de classes sociais e, a fortiori, entre os liceus ou os de colégios, pois as desigualdades de seleção e a ação homogeneizante da escola não fizeram senão reduzir as diferenças (BOURDIEU, 2007, p. 47).

Como se pode observar, é um processo muito complexo, que tem a ver com uma estrutura de classe que tende a fugir dos processos que lhes são comuns. Os professores, portanto, são a representação máxima disso, pois, ao dizerem que o aluno não quer, justificam suas ações, justificam a condenação do indivíduo

Lorena (2009) acrescenta ainda que a questão não é condenar o professor, pois ele é simplesmente capturado pela ideologia pequeno-burguesa que forma boa parte da sociedade brasileira. São também vítimas das más condições da escola pública das amarras históricas e ideológicas que atravessam os processos de subjetivação da população.

Essa autora diz que há, nesse contexto, uma má-fé da instituição escolar e que ela produz o fracasso. Mas, é preciso acrescentar mais duas questões: a) não parece que seja uma questão de má fé da instituição, trata-se, de um processo muito bem racionalizado, bem pensado, para que se continue produzindo pessoas para não ter acesso a certas coisas, e isso leva sim ao fracasso de muitos alunos; b) esse fracasso dos alunos pobres é, por assim dizer o sucesso, a função social da escola burguesa, que vem cada vez mais se sofisticando com aceleração e aprofundamento do neoliberalismo.

Essa forma de argumentação nos leva diretamente a refletir sobre o papel do neoliberalismo na constituição de um imaginário a partir do qual os indivíduos são pura e simplesmente os únicos responsáveis pelos seus destinos. Além disso, toda essa organização se constitui de modo a produzir um discurso cada vez mais voltado para a eficiência e para a responsabilização dos indivíduos.

Como argumenta Laval (2019) sobre uma das principais armadilhas do neoliberalismo para colonizar a escola que é a ideia de modernização. Em tom irônico diz ele: “quem seria contra a ‘eficiência’, a ‘avaliação’, a ‘inovação’ e, sobretudo, quem se atreveria a se declarar contra a ‘modernização’?” (LAVAL, 2019, p. 187).

Desse modo, pode-se observar que a função social da escola é vista de diferentes maneiras dependendo do lugar social que ocupa ou da forma de ver o mundo que se adota. O fato é que, é preciso que a educação seja cada vez o espaço a partir do qual seja possível transformar a sociedade ou pelo menos diminuir os efeitos deletérios de um sistema econômico que cada vez mais privilegia os privilegiados. No contexto da pandemia da covid-19, o papel da escola acabou por ser mais evidenciado. É o que se vai discutir no tópico que se segue

### **3. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ PEREIRA DA SILVA NO CONTEXTO DA PANDEMIA**

Esta pesquisa será realizada na Escola Municipal José Pereira da Silva, situada no setor Morada Nova, bairro da cidade de Campos Belos, que mesmo tendo passado por melhorias sociais e estruturais efetivadas nos últimos anos, ainda se caracteriza como um bairro cuja população se encontra, em parte, em situação de vulnerabilidade social. Isso reflete diretamente no corpo discente da instituição, que é composta por crianças e jovens heterogêneos.

Nesse contexto, nos últimos anos, a escola tem passado por um processo de diminuição da quantidade de alunos matriculados. Conforme os dados coletados no relatório de gestão do biênio 2019-2020, de 342 alunos matriculados em 2015 a escola fechou o ano de 2019 com apenas 210 alunos. Esse quadro aponta para os desafios a serem enfrentados quanto à dinâmica da escola tanto entre gestão e na relação professor aluno. Isso quer dizer que é preciso estabelecer novos objetivos para a escola.

O quadro dessa involução desemboca no início de 2020 novamente com uma quantidade menor que a do ano anterior: 194 alunos. Em 2021, em função da pandemia da COVID-19, a preocupação que aumentou foi com a evasão. Alguns alunos não teriam sido alcançados pelas aulas remotas e por uma série de fatores acabaram evadindo. Observe-se a seguir o quadro da quantidade de alunos:

2015: 342 alun@s

2016: 281 alun@s

2017: 296 alun@s

2018: 271 alun@s

2019: 220 alun@s

2020: 194 alun@s

2021: 201 alun@s

(Secretaria José Pereira, 2022)

Esse quadro mostra que a referida unidade educativa já vem enfrentando problemas de evasão nos últimos anos o que pode sugerir entre outros problemas, questões estruturais. Mas, o

que interessa entender aqui é essa escola na qual muitos alunos estão evadindo, lida com essas questões, especialmente durante a pandemia. Conforme consta no PPP da instituição, cuja última atualização é de 2021, destaca o público-alvo da escola, que tem característica de famílias em situação de pobreza e até vulnerabilidade, entre outros:

A Escola Municipal Professor José Pereira da Silva atende a um público de alunos de diferentes classes socioeconômicas aonde predomina a classe de baixa renda. Na sua maioria são moradores de periferia e de famílias desestruturadas. A grande maioria destes alunos são carentes físico e emocionalmente e poucos são moradores da zona rural de até 50 km de distância. A maioria depende de benefícios sociais, como Bolsa Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, Renda cidadã e outros (PPP, 2021, p. 12).

Embora o texto não caracterize ou conceitue o termo desestruturadas, pelo que a sequência do texto sugere é que se trata de famílias em situação de pobreza, com situação financeira delicada. Além do mais, observa-se no texto que uma parte das crianças tem pouco acesso às condições mínimas de afeto, que são também fundamentais para o desenvolvimento das habilidades. Estruturalmente há grupos que são usuários de programas de distribuição de renda.

Como se sabe, para se desenvolver as habilidades escolares é fundamental que as crianças tenham certas habilidades já potencializadas em outros ambientes, decisivamente no familiar. Como argumenta Lorena (2009) é muito difícil se aprender determinadas coisas em termos de conteúdo e de abstração, sem que certas habilidades cognitivas e afetivas tenham sido desenvolvidas no seio familiar e nos contextos em que as crianças estão crescendo. Sem certos estímulos, a criança terá um longo e complicado caminho escolar pela frente.

Mas, como essas crianças e jovens vão desenvolver essas habilidades vão desenvolver essa habilidade se no seio familiar também não há as condições mínimas para que elas se desenvolvam? O PPP da Escola José Pereira destaca como é a situação de uma parte dos pais e responsáveis.

A maioria dos pais por não serem alfabetizados não possui uma profissão no mercado de trabalho e por isto são submetidos a trabalho braçal e do lar para manter os filhos, e por este motivo não conseguem acompanhá-los de perto no seu processo de ensino e aprendizagem. A Escola Municipal Professor José Pereira da Silva está a serviço das necessidades e características de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos (PPP 2021, p. 12).

Esse cenário destacado no documento, aponta para uma necessidade de a escola José Pereira ter que desenvolver um projeto educacional cuja finalidade não é somente a igualdade, mas, também e fundamentalmente um projeto de equidade, que visa suprir não só o desenvolvimento dos conteúdos e habilidades. Ao que parece deve ser necessário uma proposta que vise a equidade, para se equilibrar o modo como os estudantes aprendem. Essa noção pode ser vista na apresentação do Relatório da Gestão do Biênio 2019-2020:

[...] faz necessário observar que a gestão nessa unidade educativa deve primar pelo princípio da equidade. De tal modo que, apenas com um trabalho conjunto da comunidade e o envolvimento do Poder Público e das demais pessoas e entidades que se preocupam com a sociedade, a escola pode ser um agente transformador das pessoas. Nessas comunidades, nunca foi tão premente o axioma do direito segundo o qual é preciso tratar os iguais como iguais e os desiguais como desiguais. Isso nos leva ao princípio de equidade, isto é, não basta dar as mesmas condições para quem precisa de muito, tratar igualmente um desigual. Segundo esse princípio, quem precisa mais tem que ter acesso a mais condições (RELATÓRIO GESTÃO, 2019-2020, p. 2).

Como se pode observar, essa questão da equidade parece ser uma questão da ordem do dia, uma vez que, como mostra o relatório esse princípio deveria ser o guia para as ações pedagógicas da escola. Destaca-se também uma forma de convocação das instituições e do poder público no sentido de colaborar na produção de uma nova forma de pensar os processos educativos. Tal disposição é justificada pela necessidade dessa comunidade em ter acesso a mais condições, a mais possibilidades educacionais, inicialmente para poder ter o mínimo de dignidade e também poder desenvolver as habilidades necessárias para o desenvolvimento escolar.

Isso mostra que, a função social de uma escola de periferia não se limita apenas em ser um lugar de socialização e aprendizagem de conteúdos. Ela tem uma função social que é também, nesse contexto, o de poder agregar outras formas de convivência, de tentar desenvolver nos alunos perspectivas de vida diferentes das que eles têm em suas convivências exteriores à escola.

Deve-se considerar também, que, mesmo não sendo uma condição fundamental da escola, ela acabou por desenvolver um papel que, embora esteja no âmbito da assistência, não pode deixar de ser considerado: a escola é, para parte dos estudantes, o lugar onde eles podem ter uma alimentação mais apropriada, alguns tem na escola a sua única fonte de alimentação. Reitera-se, não se pode reduzir a função da escola a um papel assistencialista, não é o que se pretende aqui.

Contudo, esses aspectos reais não podem deixar de serem levados em conta, pois, a escola se caracteriza também como lugar que cuida e que ensina a se cuidar.

Um exemplo disso pode ser visto no quadro dos projetos do ano de 2019, que mostra que foi desenvolvido na escola um acompanhamento psicológico de adolescentes que estariam com situação emocional abalada. Esse atendimento psicológico, teria tido “impacto positivo sobre esses jovens evitando maiores problemas, como automutilação, ímpetos suicidas e até mesmo melhorando as condições emocionais dos adolescentes” (RELATÓRIO GESTÃO, 2019-2020, p. 6).

A partir de 2020, a situação de todas as escolas, ou melhor, de todo sistema de ensino no mundo teve que se reorganizar, tendo em vista os profundos impactos da pandemia da COVID-19. No caso específico de Goiás, toda a gestão e estruturação pedagógica foi orientada pelo Conselho Estadual de Educação, mais claramente pela Resolução CEE/CP 20/2020.

Segundo as diretrizes operacionais do CEE e acolhidas pelo Conselho Municipal de Educação de Campos Belos, O REANP – Regime de Aulas Não-Presenciais deveriam ocorrer de modo que, cada estudante, pudesse ter acesso aos conteúdos normalmente, fosse por meio das várias redes sociais disponíveis seja ainda por meio da impressão das atividades e o seu recolhimento e devolutiva pelos estudantes.

A Escola Municipal José Pereira da Silva, como se pode observar no Relatório de Gestão, criou grupos de Whatsapp e também imprimiu todas as atividades que foram entregues quinzenalmente para todos os estudantes. Do ponto de vista organizacional e operacional, o acesso as atividades, foi garantido. Mas, daí derivaram muitos outros problemas que são pormenorizados no supracitado Relatório:

- a) Uma parte significativa das crianças e jovens da escola José Pereira está exposta a uma séria de condições que não são favoráveis, entre elas, uma estrutura familiar desestabilizada. Nesse caso, independente do tipo de família, essas crianças estão em condições insalubres de convivência, pouca orientação familiar, o que acarreta déficits significativos quanto ao desenvolvimento das habilidades do ano;
- b) Muitas famílias estão em situação de pobreza quase extrema e não dispõem das mínimas condições para que as crianças possam estudar em casa. Entre essas condições, pode-se dizer que desde a alimentação até um celular, um computador e uma internet que possibilite o mínimo acesso;
- c) não só com as famílias mais fragilizadas, mas, como as mais estruturadas também, muitos responsáveis não tem as condições mínimas para auxiliar as

crianças e jovens. Em muitos casos, muitos responsáveis não são sequer alfabetizados (RELATÓRIO DE GESTÃO, 2019-2020, p. 12-13).

Nesse caso, especificamente, o que o relatório apresenta é um quadro geral do contexto social e estrutural das condições familiares. Desde problemas mais comuns quando se trata de pensar o desenvolvimento dos alunos, como a questão interna das famílias que, mesmo tendo trabalho e renda, não estão preparados para ajudar as crianças, dado que não são alfabetizadas e mesmo as alfabetizadas não têm as condições mínimas para colaborar com as atividades escolares.

Para se ensinar, não basta simplesmente ter acesso à formação é preciso muito mais do que isso, algo que somente na escola é possível encontrar. Isso, inclusive, colocou os professores e pais diante de situações ainda não vistas, pois, ambos tiveram que se organizar para tentar garantir o mínimo para os alunos e com isso tiveram, como diz o relatório, que se reinventarem. Mas, observe-se, inicialmente, um pouco do detalhamento:

No que diz respeito às questões didáticas e a relação com professores e professoras, cumpre observar que mesmo com todas as dificuldades que nos determinam historicamente, estão passando por um processo de reinvenção de si mesmos e conseqüentemente de suas práticas pedagógicas. Isso está atrelado inicialmente às coisas simples, como, por exemplo, aprender a fazer um documento organizado na plataforma Word, ou até mesmo aprender a pesquisar outras ferramentas até gravar vídeo aulas, colocando-se diante das câmeras. Essa reinvenção está vinculada ainda a uma maior preocupação, pelo menos em termo enunciativos, com o acesso e a aprendizagem das crianças, o que aponta para uma maior condição de alteridade e cuidado. Há também uma maior aproximação entre os pais e os professores, pois, muitos daqueles responsáveis ausentes agora temos alguma possibilidade de entrar em contato. Isso ocorre também na aproximação entre equipe gestora e os pais (RELATÓRIO DE GESTÃO, 2019-2020, p. 13-14).

Segundo esse relatório, a situação encontrada no primeiro ano da pandemia se configurou como um período extremamente complexo, extremamente difícil tanto para pais quanto para professores, assim como para todas as pessoas que estão envolvidas na escola. Isso quer dizer, não obstante as dificuldades, a pandemia forçou especialmente o corpo docente a se reinventar, a procurar fazer e desenvolver habilidades que, por mais básicas, ainda não haviam sido desenvolvidas. Desse ponto de vista, não parece exagero, que, não obstante os problemas a situação pandêmica tenha sido um meio de inserir os professores, mesmo que de maneira atribulada, em uma organização com os meios digitais.

Mas, e o resultado desse período pandêmico? Os problemas gerais ainda continuaram em 2021, e novos desafios se apresentaram.

- a) Ainda há muitos alunos sem acesso à internet e alguns sem celular;
- b) Alunos da segunda fase que estão se afastando das atividades escolares e começaram trabalhar;
- c) Alunos que mesmo tendo os dispositivos à disposição estão se recusando veementemente em devolver as atividades;
- d) Alunos que estão matriculados, mas, que nunca apareceram para pegar as atividades (RELATÓRIO SEMESTRAL, 2021).

Para tentar superar essas questões, o relatório aponta para soluções que foram desenvolvidas:

Para isso, muitos alunos foram atendidos de modo muito diferenciado. Entre as práticas que se destacam:

- a) Chamadas telefônicas para explicar aos alunos os conteúdos de modo personalizado;
- b) Chamada de vídeo para que o aluno pelo menos veja o docente e para que o docente consegue ter um parâmetro mais claro sobre a situação do aluno;
- c) Em certos casos as atividades foram levadas e recolhidas pela equipe gestora (RELATÓRIO SEMESTRAL, 2021).

Em 2021, diferentemente da rede Estadual, na rede municipal as aulas não retornaram de maneira efetiva. Foi somente em fevereiro de 2022 que as escolas municipais voltaram à presencialidade. O relatório de enturmação de 2022 sobre a situação dos alunos apresenta um quadro intrigante. Um grande número de alunos que nos grupos e nas devolutivas estavam aparentemente desenvolvendo as habilidades, quando passaram pelo crivo dos primeiros meses de presencialidade, observou-se que não tinham desenvolvido (RELATÓRIO DO DIAGNÓSTICO INICIAL DE ENTURMAÇÃO, 2022). A situação é intrigante e provocativa e exigiria maior contato com a escola para averiguação.

A grande questão, entretanto, é a comprovação da falta que a escola faz para o desenvolvimento de crianças, sejam elas de grupos em situação de vulnerabilidade sejam elas aqueles que estão em melhores condições. Em todos os casos, nunca foi tão explícita a falta que a escola faz, e nunca ficou tão clara a importância da escola.

## Considerações finais

Definir o que é a função social da escola ou quais são suas funções em uma sociedade tão complexa como a nossa, não é uma condição fácil. Ainda durante esse período de pandemia observou-se que a escola mais uma vez passou a ser disputada por inúmeros grupos. Aqueles que não queriam o retorno às aulas presenciais pois tinham medo; aqueles que não queriam que a escola fechasse; ainda aqueles que não sabiam o que fazer.

O fato é que, não obstante às inúmeras críticas que se pode fazer a escola brasileira, e muitas delas justas, a pandemia escancarou que não é possível pensar uma nação como o Brasil sem as escolas, especialmente as escolas públicas.

A partir do contexto da Escola Municipal José Pereira da Silva, pode-se evidenciar que a escola pública é um dos pilares não só do ensino do desenvolvimento de habilidades, mas também do desenvolvimento afetivo, social, emocional, cultural entre outros.

## 4. REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial presença, s.d.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In.: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Pierre Bourdieu. Escritos sobre Educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GADOTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2013.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Trad. Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. 1994. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAehikAH/libaneo>. Acesso em: 31 ago. 2021.

LORENA Freitas. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal José Pereira da Silva. Campos Belos, Go. 2021.

RELATÓRIO DE GESTÃO 2019-2020. Escola Municipal José Pereira da Silva. Campos Belos, Go. 2020.

RELATÓRIO SEMESTRAL. Escola Municipal José Pereira da Silva. Campos Belos, Go, 2021.

RELATÓRIO DO DIAGNÓSTICO INICIAL DE ENTURMAÇÃO, Escola Municipal José Pereira da Silva. Campos Belos, Go. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 41. ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica e a defesa da democracia. In.: HERMIDA, Jorge Fernando (org.). **A pedagogia histórico-crítica e a defesa da educação pública**. -João Pessoa: Editora UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/881/987/9670-1>. Acesso em: 21 jan. 2022.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -



*Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância*

## **Anexo II**

### **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO**

Ao(s) trinta dia(s) do mês de setembro de dois mil e vinte e dois, às dezenove horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Francisco Cetrulo Neto (orientador), Livia Santos Brisolla (membro), e Raquel Fernandes da Silva (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “**A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ PEREIRA DA SILVA, DE CAMPOS BELOS, GO**” da estudante **Sandra Michele Tzotzakis Munhoz** matriculada no Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Orientador/Presidente da Banca

---

Membro

---

Membro

Acadêmico



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -**

*Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância*



## TERMO DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Eu **Sandra Michele Tzotzakis Munhoz** discente do curso de Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância do IF Goiano, autora do artigo científico intitulado, “**A Função Social da Escola no Contexto da Pandemia: O Caso da Escola Municipal José Pereira da Silva, de Campos Belos-GO**”, declaro, para os devidos fins da Lei nº 9.610, de 19/02/98, que me responsabilizo inteiramente perante o IF Goiano, o (a) professor (a) orientador (a) e demais membros da banca examinadora, pelo aporte ideológico e referencial, me responsabilizando por eventual plágio do texto que consubstancia a obra de minha autoria, submetida à banca examinadora para defesa de Trabalho do Conclusão (TC) do curso de Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. Destarte, sob as penas da lei, estou ciente das responsabilidades administrativas, civis e criminais em caso de comprovada violação dos direitos autorais.

Campos Belos, 21 de novembro de 2022.

Acadêmico/Autor

# TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

## IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- Tese (doutorado)  Artigo científico  
 Dissertação (mestrado)  Capítulo de livro  
 Monografia (especialização)  Livro  
 TCC (graduação)  Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

SANDRA MICHELE TZOTZAKIS MUNHOZ

Matrícula:

2019206221350099

Título do trabalho:

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ PEREIRA DA SILVA, DE CAMPOS BELOS, GO.

## RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIIF Goiano:  /  /

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

## DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

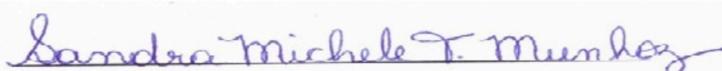
- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

CAMPOS BELOS-GO

Local

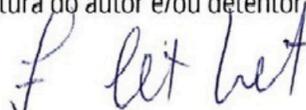
/  /

Data



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)